

LOBOS, CORDEIROS E A MANUTENÇÃO DA ORDEM

Luiz Alex Silva Saraiva¹

Passados dois anos da última eleição presidencial brasileira, na qual estavam em jogo dois projetos de país, observamos, preocupados, uma perigosa convergência que tem desafiado a análise no país. O que temos a comemorar com a vitória da esquerda e com o fato de passarmos a viver um projeto de país mais progressista? De um lado, comemoramos o país internacionalmente ter deixado de ser um pária, com a reocupação de lugares históricos comprometidos com uma sociedade mais justa, com um meio ambiente mais respeitado, e com um rumo mais positivo da nação. Mas, de outro, encaramos um nível de manutenção do que havia antes que não nos permite comemorar de forma irrestrita a emancipação da situação em que estávamos. E são muitos os pontos a serem elencados:

- a manutenção dos rumos draconianos na economia, com pouca mudança nos cortes do governo federal anterior nas áreas de saúde, educação e demais áreas sociais;
- a escandalosa presença de muitas figuras do governo anterior no governo atual, ocupando cargos de relevância em ministérios, secretarias e órgãos

¹ Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. saraiva@face.ufmg.br. Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.

especiais, tudo em nome da governabilidade que termina por esgarçar os já tensos laços com boa parte da militância de esquerda;

- um investimento maciço em propaganda muitas vezes descolada de uma agenda comprometida com avanços sociais, com foco em medidas eleitoreiras já conhecidas voltadas aos mais pobres e na promoção internacional do investimento em tais medidas como comprovação da mudança nos rumos da condução do país;
- investimento em programas temporários de atração e repatriação de cientistas brasileiros em detrimento de Políticas de Estado baseadas em investimentos imediatos, de médio e de longo prazo na estrutura de educação vigente, em especial no nível federal;
- anúncio da expansão da rede federal de ensino técnico e superior sem que tenha sido completado o ciclo de investimento e de manutenção da expansão anterior.

Poderíamos citar outros pontos, em diversas áreas, para constatar que, apesar dos avanços pontuais, a pauta deste governo, que se apresentava como uma legítima defesa da civilização e da sociedade brasileira, tenha convergido, na maior parte dos mesmos pontos que eram celebrados pelo governo anterior, abertamente pautado na exclusão social e em níveis variados de violência contra qualquer coisa que ousasse se apresentar em um espectro alternativo ao do conservadorismo.

Onde está a esquerda, suas pautas, suas diferenças concretizadas em uma forma distinta de governar da adotada pela direita? Estará a esquerda no Brasil e no restante do mundo morta, como recentemente afirmou Safatle (2024)? Se não está, qual a sua efetiva capacidade de pautar e existir em face a um mundo crescentemente conservador? Tomando emprestada a expressão de Oliveira (1993), este perigoso “antagonismo convergente” pode levar a que muitos, menos

e mais informados, tomem esquerda e direita apenas como parâmetros de direção, sem nada a dizer sobre posturas político-ideológicas e sobre modos de existir – e governar em sociedade.

Preocupados temos ficado que a muitos governantes seja tão simples abrir mão de princípios elementares e de pautas caras aos que têm lutado por um país mais progressista e humanitário em função de uma espécie de “fetiche da governabilidade”. E que não haja constrangimentos em vir a público ressaltar suas diferenças e comprometimento com uma visão de mundo pautada pelo social ao mesmo tempo em que penalizam segmentos já fartos de serem historicamente “compreensivos”.

Aos que assistem às bravatas e às indignações ensaiadas, parte da *performance* dos que juram que estão aqui por nós, fica cada vez mais difícil discernir lobos e cordeiros em um cenário pautado pela manutenção de tudo como sempre esteve em função de uma ordem que parece em si ser mais importante do que melhorar a vida das pessoas. E o que se anuncia parece apontar para novas e preocupantes convergências. Oxalá estejamos equivocados nesta leitura...

NESTE NÚMERO

Este último número de 2024 é composto pelas seções capa, artigos, ensaios e resenhas. Na **Capa**, contamos com *Espera*, contribuição de *Guilherme Nunes de Vasconcelos*. A fotografia desvela um instante da construção de um edifício em concreto em Belo Horizonte, no qual pilares aguardam, em pausa, pela continuidade da obra.

Na seção **Artigos**, contamos com quatro contribuições. O primeiro texto, *Enquanto todos dormem: um estudo sobre o trabalho noturno na indústria*, de Marília Veríssimo Veronese e Julice Salvagni, analisa o trabalho noturno, enfocando algumas dimensões psicossociais da experiência do trabalhador que nele atua. A

partir de uma articulação teórica entre Teoria da Ideologia e a Psicodinâmica do Trabalho e de uma pesquisa levada a cabo com trabalhadores industriais, as autoras refletem sobre as dificuldades associadas a esse regime de trabalho e possíveis soluções para minimizá-las, utilizando perspectiva crítica e reflexiva e propondo ao final três dimensões centrais: a filosófico-epistemológica, a ética e a da práxis.

Kelen Cristina Duarte e Marlusa de Sevilha Gosling, em Discursos midiáticos acerca da maternidade solo, investigam os discursos construídos sobre as mães solo no jornalismo brasileiro. Com base em uma pesquisa qualitativa documental em reportagens vinculadas na mídia brasileira nos anos de 2019 a 2020 embasada na análise de discurso de linha francesa, as autoras revelam que impera o discurso de normalização, naturalização e exaltação da maternidade solo – definindo a mulher como a principal responsável pelo trabalho de reprodução social. Todavia tem surgido uma nova formação discursiva que contesta o discurso hegemônico, problematizando e desconstruindo esses estereótipos, o que enfatiza a relevância de discutir o tema, visto que expõe profundas desigualdades de gênero que permeiam a sociedade, mas configuram também um possível ponto de inflexão para mudança social.

Buscando refletir sobre o que pode ser uma Psicologia Crítica do Trabalho, propondo aproximações com a Teoria da Economia Política do Poder, *O que pode ser uma psicologia crítica do trabalho? vozes latino-americanas*, de *Camila Bruning, José Henrique de Faria, Larissa Nazário Nogueira e Luiz Gustavo Camilo*, examina perspectivas críticas tanto nos Estudos Organizacionais quanto na Psicologia Crítica, explorando como essas áreas podem dialogar e se complementar. Os achados revelam importantes reflexões para uma prática de psicologia do trabalho que seja congruente com os princípios da EPP, sugerindo uma reflexão sobre a atuação do psicólogo no contexto laboral, no sentido de desafiar as dinâmicas de poder existentes nas organizações.

Em *O legado de violência da ditadura brasileira e seu impacto na constituição de lugares de memória*, Renata Guimarães Quelha de Sá e Alessandra de Sá Mello da Costa refletem sobre os processos de constituição de lugares de memória da resistência no Brasil, a partir da inobservância das recomendações da Comissão Nacional da Verdade (CNV) dentro do contexto de justiça de transição. A luta para constituir organizações que são lugares de memória, tais como memoriais e museus, a partir da transformação de espaços de violência da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), é um reflexo das disputas de memória que permanecem até os dias atuais. Para atingir o objetivo proposto, as autoras problematizam a importância do dever de memória e da criação de elementos de referência em nossa sociedade, as chamadas marcas de memória previstas na recomendação número 28 da CNV, para que o verdadeiro apaziguamento social e reconciliação nacional sejam alcançados.

Na seção Ensaio, contamos com duas contribuições. Em *Quarto de despejo: a vida social organizada na favela, a partir de Carolina Maria de Jesus*, Nayara Noronha, Julia Catarine dos Santos Abreu e André Luis Silva analisam, a partir do método de análise de narrativas, a vida social organizada na favela, a partir da obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus. Os autores discutem os modos de organizar das grandes cidades brasileiras, a partir das dimensões analíticas segregação social, classe, raça e gênero. Como argumento central, articulamos que, ao longo do processo de urbanização no Brasil, a cidade é o espaço da materialização social da desigualdade, cujas minorias políticas, como tantas Carolinas de Jesus, são as pessoas que mais padecem em suas vivências urbanas. Sem a pretensão de esgotar as discussões sobre a temática, este artigo sinaliza para a aproximação entre Estudos Organizacionais, Estudos Urbanos e a Literatura, ao analisar a vida social organizada no espaço urbano da favela, por meio do diário de Carolina Maria de Jesus.

Já em *Empreendedorismo, tema e variações: ação agência empreendedora e forma mercadoria*, Fabio Bittencourt Meira e Daniel S. Lacerda brindam o leitor

com uma crítica sobre como a agenda empreendedora impõe uma equiparação entre ação humana e mercadoria, a qual estaria presente inclusive na formulação clássica de J. A. Schumpeter, porém contemporaneamente não mais restrita ao domínio de indivíduos extraordinários (o empreendedor, para o economista austríaco), mas universalizada como comportamento normal.

Encerrando o número, na seção **Resenhas**, contamos com a contribuição de *Caroline Nayara Marilac Flôr, A reconfiguração dos espaços sociais sagrados: por um organizar do divino*. Esta resenha, que aborda o livro *Religião e Organizações*, destaca como as organizações religiosas, em sua multiplicidade, organizam práticas e modos de gestão orientados pelo divino, estendendo sua influência além dos templos tradicionais. A obra apresenta uma agenda provocativa, reunindo discussões ricas entre 13 autores de diferentes universidades brasileiras, que abordam questões relativas ao agir e à identidade simbólica religiosa, oferecendo novas perspectivas analíticas, desconstruindo a visão de que os estudos organizacionais devem se limitar a um conhecimento instrumental, técnico e, portanto, ortodoxo.

Aproveitamos o ensejo para desejar um excelente final e um próximo ano melhor e mais justo para todos os povos!

REFERÊNCIAS

Oliveira, Francisco (1993). Quanto melhor, melhor: o acordo das montadoras. *Novos Estudos CEBRAP*, 36, 3-7.

Safatle, Vladimir (2024). *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo.

CONTRIBUIÇÃO

Luiz Alex Silva Saraiva

O autor declara ser o único responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O autor declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela infraestrutura de pesquisa e de trabalho e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos recursos que permitiram viabilizar esta publicação.

COMO CITAR

Saraiva, Luiz Alex S. (2024). Lobos, cordeiros e a manutenção da ordem. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(30), 825–831.